

A EVOLUÇÃO DA ARQUITETURA PRIVADA EM BRACARA AUGUSTA: AS DOMUS DAS ANTIGAS CAVALARIÇAS E DO EX ALBERGUE DISTRITAL

THE EVOLUTION OF PRIVATE ARCHITECTURE IN *BRACARA AUGUSTA*: THE DOMUS OF ANTIGAS CAVALARIÇAS AND EX ALBERGUE DISTRITAL

FERNANDA MAGALHÃES

Lab2PT/Uminho

fernanda.epmagalhaes@gmail.com

MANUELA MARTINS

Lab2PT/Uminho

mmmartins@uaum.uminho.pt

JULIANA SILVA

Lab2PT/Uminho

zjulianasilva@gmail.com

ANA CATARINA TORRES

Lab2PT/Uminho

anacmst@hotmail.com

RAQUEL MARTÍNEZ PEÑÍN

Área de Historia Medieval, Departamento de Historia

Universidad de León

rmarp@unileon.es

Recibido: 01/11/2017

Aceptado: 01/04/2018

RESUMEN: Este trabajo se centra en el análisis de la evolución experimentada por la arquitectura doméstica de *Bracara Augusta*, tomando como referencia el estudio tanto de la *domus* de las Antigas Cavalariças, como de la *domus* exhumada en las excavaciones del Ex Albergue Distrital. Estas cuentan con una larga secuencia de ocupación que abarca desde mediados/finales del siglo I d. C. hasta fines de la Antigüedad Tardía. La detallada información obtenida en las intervenciones arqueológicas hizo posible llevar a cabo un pormenorizado análisis de la secuencia constructiva y de las transformaciones que los diferentes espacios de ambas casas fueron experimentando a lo largo del tiempo, permitiendo a su vez elaborar una propuesta planimétrica para sus diferentes fases de ocupación.

PALABRAS CLAVE: *Bracara Augusta*, arquitectura doméstica romana, *domus*.

ABSTRACT: This paper aims to reflect on the evolution of domestic architecture of *Bracara Augusta*, based on the study of the *domus* of 'Antigas Cavalariças' and of the *domus* discovered in the excavations of 'Ex Albergue Distrital', showing a long sequence of occupation from mid/end of the century and the end of Late Antiquity. The comprehensive data obtained during the excavations provided a detailed analysis of the occupation sequence and of the transformations that the different spaces suffered over time, having allowed to draft layout proposals for the different phases.

KEYWORDS: *Bracara Augusta*, Roman domestic architecture, *domus*.

INTRODUÇÃO

Pese embora o significativo número de vestígios de *domus*, que se encontram inseridas em diferentes quarteirões da cidade romana de *Bracara Augusta*, a verdade é que, até ao momento, apenas uma foi integralmente escavada. Trata-se da *domus* das Carvalheiras, que foi construída nos finais do século I¹, mas que terá tido uma curta existência já que foi desarticulada logo no século II com a construção de um *balneum* público que ocupou todo o setor norte da anterior *domus*². Apesar desta circunstância e de constituir a única casa de átrio e peristilo reconhecida até ao momento em *Bracara Augusta*, a *domus* das Carvalheiras permanece como uma referência para o estudo da arquitetura privada de elite da cidade no período alto-imperial³.

Ela fornece, por isso, uma preciosa informação sobre questões tão diversas quanto as formas de adaptação da construção à topografia do terreno, a organização e articulação dos espaços internos, o carácter privado e público dos diferentes compartimentos, a distribuição das lojas, ou a sistemática presença de pórticos nas suas fachadas, ao longo das ruas.

¹ MARTINS, M. (1997-98). "A zona arqueológica das Carvalheiras. Balanço das escavações e interpretação do conjunto". *Cadernos de Arqueologia*, 14/15, pp. 23-45; SILVA, J. (2013). *A domus da Zona Arqueológica das Antigas Cavalariças de Braga. Contributo para o estudo da arquitetura doméstica em Bracara Augusta*. Relatório de estágio de Mestrado. Braga: Universidade do Minho.

² MARTINS, M., MEIRELES, J. & RIBEIRO, M. C. (2011). "As termas públicas de *Bracara Augusta* e o abastecimento de água da cidade romana". En *Atas do Seminário Internacional Aquae Sacrae. Agua e sacralidad en época antigua*. Girona: Universitat de Girona, pp. 69-102; MARTINS, M. (2015). "Entre o ócio e a sociabilidade. O papel das termas públicas na vida social de *Bracara Augusta*". En DM (ed). *I Colóquio Luso Brasileiro 'Quotidiano e Sociabilidades no Império Romano'*. Vitória (Brasil): UFES/UMinho, pp. 22-24; RIBEIRO, J., MAGALHÃES, F. & MARTINS, M. (2015). "Meios, técnicas e custos de construção em *Bracara Augusta* no século II. O balneário das Carvalheiras". *Férvedes*, nº 8, pp. 331-339.

³ MAGALHÃES, F., RIBEIRO, J. & MARTINS, M. (2015). "Entre o público e o privado. Cenários do quotidiano na *domus* das Carvalheiras". *Dossiê: A cidade romana entre a História, a Arqueologia e a Literatura, Romanitas - Revista de Estudos Grecolatinos*, 6, pp. 88-106.

No entanto, o significativo conjunto de vestígios de *domus* recuperado em resultado de cerca de 40 anos de escavações realizadas em Braga aponta para uma grande diversidade planimétrica destas construções⁴. Por isso, a identificação de novas *domus*, bem como a sua interpretação revelam-se fundamentais para compreender as características da arquitetura privada de *Bracara Augusta* e, conseqüentemente, o poder e o requinte das elites que as mandavam construir e nelas residiam⁵.

De facto, as casas representam indiscutivelmente os elementos construídos do espaço urbano que mais mudaram na sua quase sempre longa ocupação, facto que se deve a questões de moda, mas sobretudo ao poder económico dos seus proprietários e aos diferentes contextos políticos e ideológicos que justificavam maiores ou menores investimentos no capital social das suas residências. Por isso, cada *domus* constitui um universo próprio, que exige uma análise detalhada, pois possui uma história singular feita de múltiplas transformações construtivas, profundas ou não, que se sucederam, por vezes, em curtos espaços de tempo, mas que importa conhecer antes de as podermos comparar com outras, seja no mesmo contexto urbano, seja numa escala regional, ou provincial.

Conscientes da complexidade da abordagem da temática da arquitetura privada e tendo em conta o carácter maioritariamente fragmentário dos dados disponíveis para a cidade de *Bracara Augusta*, bem como a natureza necessariamente provisória das nossas abordagens e interpretações, julgamos contudo importante refletir sobre o contributo de novos dados que vão sendo revelados através do estudo aprofundado dos vestígios das diferentes *domus* identificadas até ao momento em Braga. É esse exercício que procuramos realizar neste artigo, onde analisaremos os dados facultados pelo recente estudo de duas *domus* e procuraremos refletir sobre o seu contributo para caracterizar a evolução da arquitetura privada da cidade, bem como sobre o seu papel na estrutura urbana da cidade romana e tardo antiga.

⁴ MAGALHÃES, F. (2010). *Arquitetura doméstica em Bracara Augusta*. Tese de Mestrado, Braga: Universidade do Minho; MAGALHÃES, F. (2013). “Arquitetura doméstica em *Bracara Augusta*”. *Interconexões*, 1, pp. 13-30.

⁵ RIBEIRO, J. & MARTINS, M. (2013). “Os processos construtivos da edificação privada em *Bracara Augusta*: o caso da *domus* das Carvalheiras”. En Melo, A. y Ribeiro, M. C. (coords.). *História da Construção. Arquiteturas e técnicas Construtivas*. Braga: CITCEM, pp. 75-98; MARTINS, M., MAGALHÃES, F., MARTÍNEZ PEÑÍN, R. & RIBEIRO, J. (2016). “The housing evolution of Braga between Late Antiquity and the Early Middle Ages”. *Arqueología Medieval. Hàbitats Medievals*, VIII, Lleida, pp. 33-51.

1. A *DOMUS* DAS ANTIGAS CAVALARIÇAS

1.1. Localização e escavação

A *domus* das Antigas Cavalariças (Fig. 2.1) foi identificada no decorrer das escavações realizadas pela Unidade de Arqueologia da Universidade do Minho, em colaboração com o Museu D. Diogo de Sousa, na zona arqueológica conhecida como zona P1 das Cavalariças (BRA CVL), entre 1986 e 1989. Esta área arqueológica está delimitada a poente pela Rua dos Bombeiros Voluntários e a nascente pelas traseiras das casas da rua de S. Geraldo, confrontando a sul com os terrenos do Instituto Monsenhor Airoso e a norte com o parque de estacionamento do Centro de Saúde do Largo Paulo Orósio. Como podemos ver na figura 2 esta *domus* situava-se na parte sul da cidade romana, estando situada a poente do cardo máximo.



Fig. 1. *Bracara Augusta* no contexto da Hispânia romana

A primeira campanha de escavações realizada no local, referente a 1986, destinou-se a verificar a existência de estruturas arqueológicas na área onde estava prevista a construção do Museu de Arqueologia D. Diogo de Sousa, situação que se confirmou com a descoberta de várias estruturas e de um poço. Os trabalhos arqueológicos prosseguiram nos anos de 1988 e 1989⁶, tendo permitido alargar a área anteriormente descoberta e identificar um numeroso conjunto de estruturas que, pela sua densidade e relevância, justificaram a correta decisão de implantar o edifício do Museu nos terrenos situados a nascente da área intervencionada, onde as escavações prévias haviam revelado estruturas arqueológicas bastante mais esparsas e significativamente mais arrasadas.

A área onde se detetaram os vestígios da *domus* foi então entulhada, sem que tenha sido possível concluir a sua escavação e identificar os seus limites, uma vez que era suposto que os trabalhos arqueológicos fossem retomadas posteriormente à construção do Museu D. Diogo de Sousa, tendo sido mesmo previsto que essas ruínas fossem integradas no circuito de visita ao referido museu. No entanto, o projeto de arquitetura do Museu, que só viria a ser aberto em 2006, nunca contemplou essa possibilidade, pelo que os vestígios da *domus* das Antigas Cavalariças jazem atualmente sob a esplanada de cimento da entrada do museu.

1.2. Fases de ocupação e organização dos espaços

Embora se tenham realizado numerosas intervenções arqueológicas nos terrenos onde foi construído o Museu D. Diogo de Sousa, que decorreram em diferentes momentos, entre 1986 e 2002, nunca houve uma oportunidade efetiva de realizar uma análise detalhada e sistemática dos vestígios exumados nas escavações que acompanharam o complexo processo de construção do referido museu. Essa oportunidade só viria a surgir em 2013, com a realização de um estágio de uma das autoras, no âmbito do Mestrado em Arqueologia da Universidade do Minho, que incidiu especificamente sobre o setor escavado entre 1986 e 1989, onde se encontraram vestígios que podem ser associados a uma *domus*, que estaria integrada num quarteirão da cidade romana situado a poente do tramo sul do cardo máximo (Fig. 2.1), ou seja, a sul do *forum*.

A análise detalhada dos cadernos de campo e de toda a informação gráfica disponível, designadamente da estratigrafia e das estruturas, bem como o estudo dos materiais, permitiu a caracterização e datação dos diferentes muros e a sua correlação

⁶ DELGADO, M. & MARTINS, M. (1988). "Intervenção arqueológica na Zona P1 (Antigas Cavalariças do regimento de Infantaria de Braga)". *Cadernos de Arqueologia*, Série II, 5, pp. 77-90.

planimétrica, possibilitando a sequenciação da ocupação da *domus* e a interpretação da distribuição dos seus compartimentos, bem como a elaboração de propostas relacionadas com a sua presumível funcionalidade.

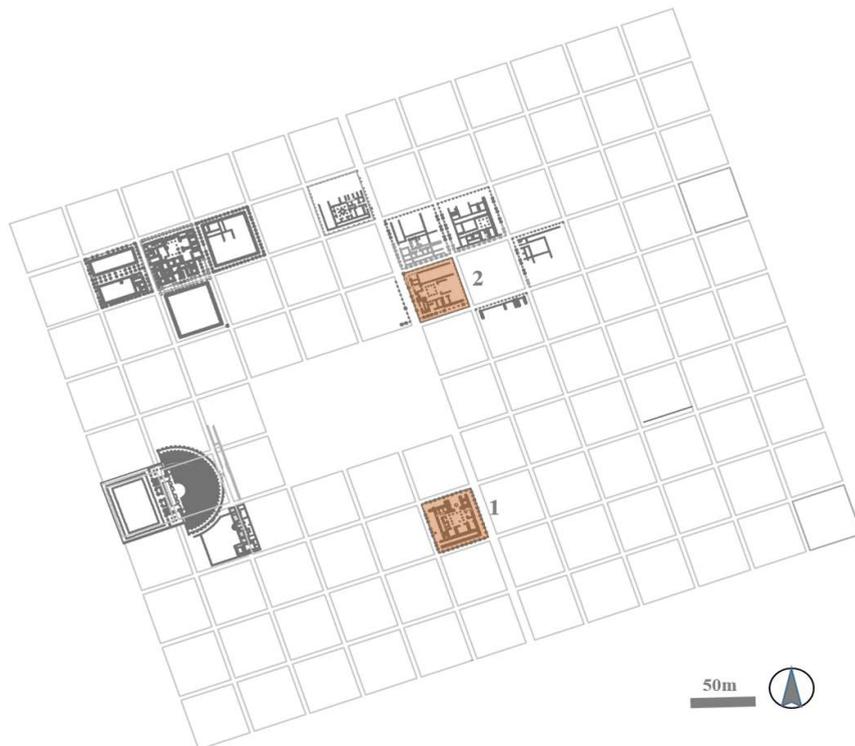


Fig. 2. Localização das *domus* estudadas na planta da cidade romana de *Bracara Augusta*.
1. *Domus* das Antigas Cavalariças. 2. *Domus* do Ex Albergue Distrital (©UAUM)

A pesar da escavação realizada não ter coberto toda a área ocupada pela *domus* é hoje possível delimitar com grande rigor o quarteirão onde a mesma se implantava, graças ao avanço dos conhecimentos relativos ao urbanismo da cidade de *Bracara Augusta*, designadamente à fixação da dimensão do módulo dos quarteirões e à localização dos eixos viários principais e secundários⁷. Assim, sabemos que não possuímos quaisquer evidências relativas aos pórticos que deveriam rodear a casa,

⁷ MARTINS, M., RIBEIRO, J., MAGALHÃES, F. & BRAGA, C. (2012). “Urbanismo e arquitetura de *Bracara Augusta*. Sociedade, economia e lazer”. En Ribeiro, M. C. y Melo, A. (coords.). *Evolução da paisagem urbana: sociedade e economia*. Braga: CITCEM, Braga, pp. 29-67.

certamente nos quatro lados, à semelhança do que ocorre noutras *domus* melhor conhecidas da cidade, como é o caso das Carvalheiras⁸. Também desconhecemos a presumível evidência de lojas, que certamente se distribuiriam ao longo das fachadas da habitação, tal como se encontra reconhecido noutros setores de *Bracara Augusta*⁹.

Na verdade, os elementos construtivos conhecidos e analisados correspondem maioritariamente ao miolo da área construída do quarteirão e reportam-se a diferentes áreas e compartimentos da casa, sendo globalmente integráveis em três grandes fases de ocupação: a fase I, correspondente à *domus* alto-imperial; a fase II que define a *domus* do século IV/V e a fase III que caracteriza o processo de desarticulação da *domus* e a sua ocupação durante a Antiguidade Tardia.

1.2.1. Fase I: a *domus* alto-imperial

Tendo em conta os dados disponíveis podemos afirmar que o primeiro projeto da *domus* remonta à época flávia (Fig. 3)¹⁰. No entanto, o espaço que foi ocupado pela casa conheceu uma anterior ocupação, datada entre a época de Augusto e meados do século I, claramente associada a canalizações e a um conjunto de 24 silhares retangulares, a maioria dos quais de grande porte, cuja funcionalidade original desconhecemos¹¹. Muito embora seja atualmente impossível compreender a função original dessas estruturas, sabemos que alguns silhares foram integrados nos muros que viriam a formalizar os espaços da *domus*¹².

Dos muros perimetrais da casa apenas se conhecem vestígios de dois deles, situados, respetivamente, a nascente e a sul. A sua projeção permite restituir os presumíveis limites da *domus* nesses setores e as áreas que podiam estar reservadas aos pórticos, sendo de sublinhar que o pórtico nascente, que acompanharia o cardo máximo, seria aparentemente mais largo que o que existiria a sul. O desigual dimensionamento dos pórticos não é invulgar, tendo sido registado noutras situações, designadamente nas Carvalheiras. Presumimos que à semelhança do que ocorre noutras *domus* melhor documentadas existissem lojas abertas aos pórticos, distribuídas ao longo das fachadas, o que parece presumível sobretudo nos setores sul, nascente e norte da casa.

⁸ MARTINS, M. (1997-98). “A zona arqueológica das Carvalheiras...”, *op. cit.*; MAGALHÃES, F. (2010). *Arquitetura doméstica em Bracara...*, *op. cit.*

⁹ MARTINS, M. *et al.* (2012). “Urbanismo e arquitectura de Bracara...”, *op. cit.*, p. 53.

¹⁰ SILVA, J. (2013). *A domus da Zona Arqueológica das Antigas Cavalariças...*, *op. cit.*

¹¹ SILVA, J. & MARTINS, M. (2015). “Evolução e análise funcional de uma *domus* romana. A unidade habitacional da zona arqueológica das antigas Cavalariças de Braga”. En Martínez Peñín, R. & Caveró Domínguez, G. (eds). *I Jornadas Internacionales Evolución de los espacios urbanos y sus territorios en el Noroeste de la Península Ibérica*. León: Universidad de León.

¹² DELGADO, M. & MARTINS, M. (1988). “Intervenção arqueológica na Zona P1...”, *op. cit.*

Com base nos muros atribuídos a esta fase e nas respetivas projeções, podemos considerar que estamos perante uma *domus* de peristilo, espaço aberto no interior da casa que terá funcionado como elemento ordenador e distribuidor. O peristilo (área 1) ocupa neste caso uma posição central do edifício, possuindo uma forma ligeiramente retangular (sentido E/O), em cujo centro é provável que existisse um tanque, considerando a identificação de estruturas hidráulicas que podiam drenar água para a rua situada a sul.

Sendo comum que as *domus* possuíssem várias entradas, julgamos poder admitir pelo menos a existência de duas. Uma delas, talvez a principal, deveria situar-se na fachada nascente (área 8), fazendo-se a partir do cardo máximo. A outra entrada situar-se-ia a norte e parece definida por um longo corredor (*fauces*) (área 10). Ambas entradas dariam acesso ao peristilo e, desse modo, a diversos compartimentos da casa.

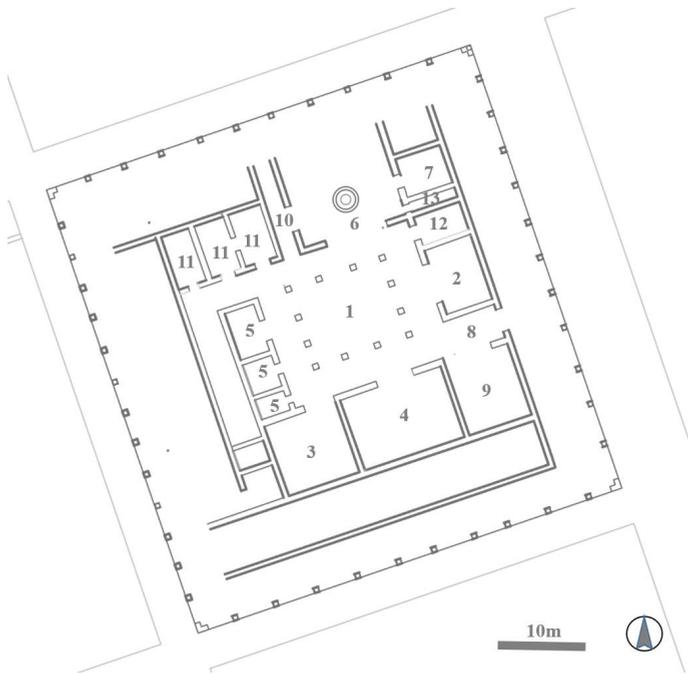


Fig. 3. Planta interpretada da fase I da *domus* das Antigas Cavalariças (©UAUM)

Na parte da casa situada a sul do peristilo admitimos que se situaria o *tablinum* (área 9), que seria contíguo à entrada (área 8), pois a sua função de espaço de trabalho do *pater familias*, onde este recebia os clientes e tratava dos negócios, não deveria

colidir excessivamente com o restante funcionamento da casa¹³. Por sua vez, as duas salas contíguas poderiam corresponder a espaços de receção, presumivelmente um *oecus* (área 3), espaço que possuía tradicionalmente uma morfologia quadrangular e uma *exedra* (área 4), uma vez que apresenta uma forma retangular. As características e dimensões da área 2, situada a nascente do peristilo, permitem sugerir a sua função de *triclinium*, enquanto os três compartimentos (áreas 5) que se dispunham a poente parecem formalizar os principais *cubicula* da casa, que deveriam estar convenientemente virados a nascente, de forma a receberem a luz matinal.

Na parte norte da casa situava-se um grande espaço aberto, com um poço, cuja forma e dimensão exatas desconhecemos, pois dele apenas se conhecem os alinhamentos correspondentes a dois dos seus limites (área 6). Julgamos que podemos estar perante um pátio ajardinado, que poderia ser acessível, quer a partir do peristilo, quer da *fauces* (área 10), que se julga situado a poente. Trata-se de um espaço de entrada de ar e de luz, provavelmente ajardinado. Atendendo ao carácter aberto deste espaço julgamos que poderia ser rodeado por outros compartimentos, eventualmente de serviços, sendo presumível que a nascente se pudessem situar a cozinha (*culina*) (área 7) e uma latrina, que ocuparia um estreito compartimento (13) e aproveitaria a água da cozinha. A poente da *fauces* (área 10) poderiam existir dois ou três compartimentos retangulares (área 11), de funcionalidade desconhecida, muito embora apenas se conheçam os limites de um deles.

1.2.2. Fase II: a *domus* do século IV

Os dados facultados pelas escavações testemunham uma importante remodelação do interior da *domus*, datada entre os finais do século III e os inícios do IV (Fig. 4) As principais alterações ocorreram na parte norte da casa, muito embora a reforma tenha igualmente alterado a disposição dos compartimentos situados a poente, bem como as dimensões daqueles que se dispunham a sul.

Apesar das significativas alterações da *domus* o peristilo central (área 1) manteve-se como elemento ordenador e distribuidor dos compartimentos situados em seu redor, continuando a articular-se com as duas entradas da casa, situadas a norte e nascente. A entrada nascente parece ter-se mantido igual à da Fase I, mas a entrada norte foi alterada tendo sido deslocada mais para poente, devido à ampliação da área 6, correspondente ao pátio. Com efeito, esta área foi objeto de uma profunda remodelação, ainda que pareça ter-se mantido como espaço descoberto. O anterior poço foi entulhado e sobreposto por um novo pavimento de cuidada elaboração, que conjuga lajes de

¹³ PAOLI, U. E. (2000). *Urbs. La vida en la Roma Antigua*. Barcelona: Editorial Iberia, p. 75.

granito polido, de forma hexagonal, dispostas de forma geométrica, com a presença de mosaicos que se dispõem entre elas. A reestruturação do espaço afetou também a sua própria morfologia, que adquiriu uma forma trapezoidal alongada, sendo rematada no limite nascente por uma êxedra, que poderá ter albergado um ninfeu.

Também no lado nascente do peristilo surge uma nova sala, que substituiu o antigo *triclinium* (área 2). De forma ligeiramente retangular, o novo compartimento apresenta-se ornamentado com êxedras nos quatro cantos, as quais seriam rematadas por colunas, assentes em silhares quadrados. A nova sala de jantar parece articular-se a nascente com uma outra, que ampliaria a área reservada ao banquete, ou à receção dos convidados. A norte dispõe-se uma sala periférica (área 12), que poderia servir igualmente como espaço de receção, ou como área auxiliar para apoio ao serviço de mesa.

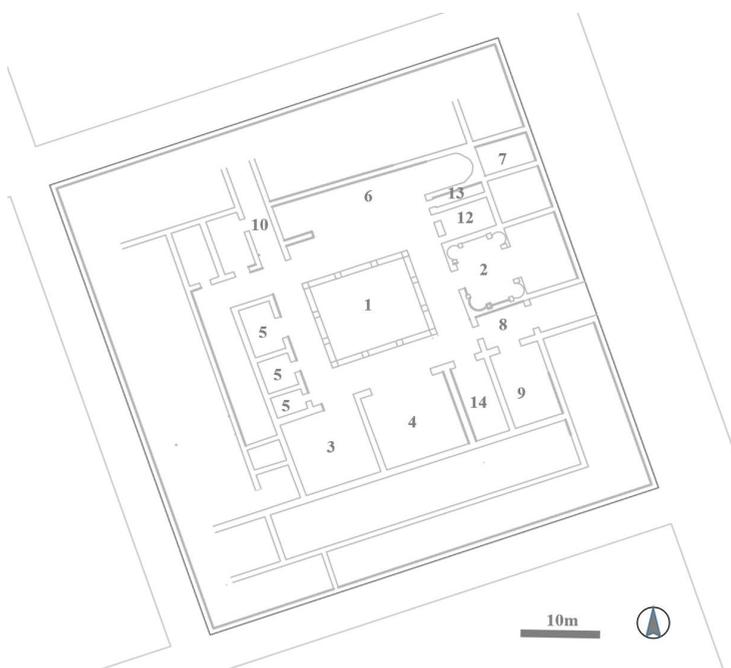


Fig. 4. Planta interpretada da fase II da *domus* das Antigas Cavalariças (©UAUM)

A sul do peristilo, tal como na fase anterior, desenham-se várias salas de diferentes dimensões, que podem ter sido usadas com uma funcionalidade semelhante à sugerida para a fase I. Assim, a área 3 poderá ter continuado a desempenhar funções de *oecus* e a área 4 de *exedra*, muito embora tenha passado a ser mais pequena. Também a área

9, presumivelmente um *tablinum*, parece ter visto reduzida a sua área, dando lugar a um novo compartimento de difícil interpretação (área 14). Por sua vez, a poente do peristilo mantiveram-se os *cubicula* (área 5).

Pouco sabemos dos restantes espaços da casa. No entanto, alguns muros sugerem que as fachadas da casa possam ter avançado sobre os pórticos, à semelhança do que tem sido documentado nas remodelações coevas de outras *domus*, identificadas noutros locais da cidade, designadamente nas *domus* das Carvalheiras e da Escola Velha da Sé¹⁴, processo que pensamos articulado com a necessidade de ampliar a área útil das casas.

1.2.3. Fase III: a desarticulação da *domus*

A última fase de ocupação registada na área correspondente à *domus* pode ser datada entre os séculos V e VII (Fig. 5), período durante o qual este tipo de habitações sofre alterações substantivas na orgânica dos seus espaços internos perdendo as anteriores funcionalidades. Este processo está bem documentado noutras *domus* de Braga, caracterizando-se pela fragmentação dos espaços internos das casas, facto que permitiu novos tipos de utilização das áreas edificadas dentro dos quarteirões, eventualmente repartidas entre diferentes proprietários. Estaremos perante um processo de longa duração, com pelo menos dois séculos, durante o qual as anteriores *domus* perderam o seu carácter unitário e unifamiliar, constituindo-se como espaços residenciais capazes de albergar um número variável de famílias, que ocupariam alguns compartimentos em torno da área aberta definida pelos anteriores peristilos, os quais terão passado a funcionar como pátios distribuidores¹⁵.

A *domus* das Cavalariças testemunha nesta fase um claro processo de desarticulação, evidente no encerramento de alguns compartimentos anteriores e na reestruturação de outros para ganhar novos espaços de funcionalidade desconhecida. Neste sentido, à luxuosa habitação do século IV parece suceder um espaço mais compartimentado e heterogéneo, que pode ter deixado de pertencer a um único proprietário, atendendo à quantidade de novas dependências que foram criadas no interior do quarteirão. No entanto, é possível que no século V a casa tenha ainda mantido o essencial das características herdadas do século anterior e que o processo de reorganização funcional do interior da habitação tenha sido um fenómeno progressivo.

¹⁴ MAGALHÃES, F. (2010). *Arquitetura doméstica em Bracara...*, *op. cit.*; MARTINS, M., *et al.* (2016). “The housing evolution of Braga...”, *op. cit.*

¹⁵ MARTINS, M., *et al.* (2016). “The housing evolution of Braga...”, *op. cit.*

Não sendo fácil atribuir funcionalidades aos novos espaços, é no entanto possível observar algumas das características dominantes das reformas ocorridas durante esta fase, com destaque para a redução da área do anterior peristilo, que poderá ter passado a funcionar como pátio, com corredores anexos e para o desaparecimento das anteriores áreas de representação, que foram divididas.

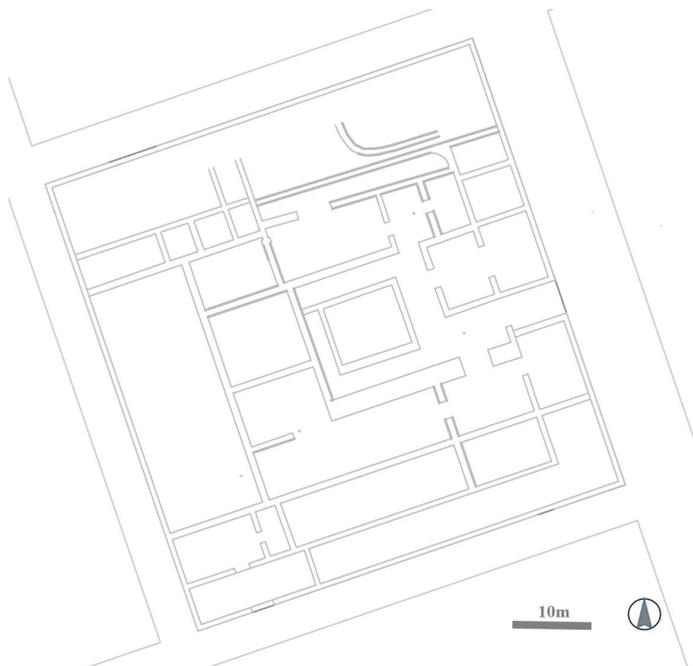


Fig. 5. Planta interpretada da fase III da *domus* das Antigas Cavalariças (©UAUM)

A norte do peristilo, na anterior área 6, que definia um pátio interior, observa-se que a mesma foi claramente estreitada, conservando-se apenas parte da anterior êxedra que rematava um possível ninfeu. O muro que formaliza o limite sul deste espaço assenta diretamente sobre o pavimento, o que pressupõe que este espaço deve ter perdido parte do seu protagonismo como zona nobre da casa, desenhando-se agora como um estreito corredor.

A norte foi construída uma estrutura de funcionalidade desconhecida, que parece desenhar uma abside, cujas características são impossíveis de apurar.

A interpretação global da área em possíveis unidades habitacionais mais ou menos autónomas é bastante comprometida pelo facto de não dispormos de elementos

relativos à totalidade do quarteirão, sendo difícil compreender os acessos que podem ter servido a entrada nas diferentes áreas construídas.

2. A DOMUS DO EX ALBERGUE DISTRITAL

2.1. Localização e escavação

Esta *domus* foi identificada no decorrer das escavações realizadas pela Unidade de Arqueologia da Universidade do Minho no logradouro do Ex Albergue Distrital (BRA ALB), conhecido por Casa Grande da Rua de Santo António das Travessas¹⁶. As intervenções arqueológicas aí realizadas, em diferentes momentos do século XX, tiveram sempre por objetivo a minimização de impactos, resultantes da intenção de aí instalar, primeiro, o Museu D. Diogo de Sousa (início dos anos 80) e, posteriormente (década de 90), a atual Biblioteca Lúcio Craveiro da Silva.

A área onde incidiram os trabalhos arqueológicos era circundada a poente por um muro que corria paralelo à rua Frei Caetano Brandão, estando limitada a sul pela rua de São Paulo. A nascente o referido logradouro confrontava com as traseiras do edifício que deu o nome à referida zona arqueológica, o antigo Albergue Distrital. A norte o terreno encontra-se limitado com um imóvel, com fachada para a rua Frei Caetano Brandão. Como se pode ver na figura 2 o posicionamento desta zona arqueológica, relativamente à malha urbana da cidade romana permite situá-la a nordeste do *forum*, dispondo-se a nascente do setor norte do cardo máximo.

A primeira campanha de escavações foi realizada na década de 80, quando aí se pensou instalar o Museu D. Diogo de Sousa¹⁷. Posteriormente a esta data o referido projeto foi abandonado e as escavações suspensas durante cerca de 12 anos. A partir de 1992 os trabalhos arqueológicos foram retomados tendo em vista avaliar as potencialidades do terreno para adaptação à biblioteca pública. Assim, realizaram-se novas campanhas nos anos de 1992, 1995, 1996 e 1997, as quais acabaram por se traduzir na escavação integral do logradouro. Esta circunstância resultou da elevada potencialidade arqueológica do terreno, decorrente do facto de nunca ter sido urbanizado, conforme é sugerido pelas fontes iconográficas da cidade de Braga,

¹⁶ LEMOS, F.S. & LEITE, J. F. (2000). “Trabalhos Arqueológicos no Logradouro da Casa Grande de Santo António das Travessas (ex-Albergue Distrital)”. *Forum*, 27, p. 17.

¹⁷ *Ibid.*

designadamente pela Planta de Braunio, do século XVI e pelo Mapa das Ruas da Cidade de Braga, de 1755¹⁸.

As escavações permitiram exumar vestígios da parte poente de uma *domus*, que se inseria num quarteirão da cidade romana, confrontando com o *cardo* máximo e oferecendo evidências de pórticos situados a norte, oeste e sul.

2.2. Fases de ocupação e organização dos espaços

Os trabalhos arqueológicos realizados no logradouro do Ex Albergue Distrital permitiram exumar um conjunto muito significativo de dados relativos ao urbanismo e à arquitetura privada de *Bracara Augusta*. Desde logo, cabe destacar a identificação do *cardo* máximo da cidade romana, sob o qual corria uma grande cloaca¹⁹, a que se associam outros vestígios correspondentes à parte poente de uma *domus*, situada a nascente daquele importante eixo viário. Este importante conjunto de vestígios, associados a uma longa ocupação, situada entre o século I e os finais da Antiguidade Tardia, justificavam um estudo detalhado que foi possível concretizar em 2014, com a realização de um estágio, no âmbito do Mestrado em Arqueologia da Universidade do Minho²⁰.

Tendo por base a análise detalhada da informação recolhida em campo, relativa à estratigrafia e estruturas construídas, bem como o estudo dos materiais, foi possível realizar a caracterização e datação dos diferentes muros e ensaiar a sua correlação planimétrica, facto que permitiu a sequenciação da ocupação da *domus*. Tendo por base as plantas interpretadas foi igualmente possível ensaiar propostas relacionadas com a presumível funcionalidade dos espaços da casa.

Tal como acontece com a *domus* das Antigas Cavalariças é hoje possível delimitar com grande rigor o quarteirão onde se implantava a *domus* do Ex Albergue Distrital, graças ao avanço dos conhecimentos relativos ao urbanismo da cidade romana, mas também devido aos dados obtidos na escavação dos terrenos situados a norte, que permitiram exumar vestígios de uma outra *domus* (zona arqueológica SAT/FCB). Assim, apesar da escavação do logradouro do Ex Albergue Distrital não ter coberto toda a área construída da casa, é possível definir com rigor três das fachadas

¹⁸ MARTINS, M. & RIBEIRO, M. C. (2013). “Em torno da Rua Verde. A evolução urbana de Braga na longa duração”. En Ribeiro, M. C. y Melo, A. (coord.). *Evolução da Paisagem Urbana. Transformação morfológica dos Tecidos Históricos*. Braga: CITCEM/IEM, pp. 11-44.

¹⁹ MARTINS, M., et al. (2012). “Urbanismo e arquitectura de *Bracara...*”, *op. cit.*

²⁰ TORRES, A. C. (2014). *Sequência de ocupação da Zona Arqueológica do Ex. Albergue Distrital. Contributo para a análise evolutiva e funcional de uma unidade doméstica em Bracara Augusta*. Relatório de estágio de Mestrado em Arqueologia. Braga: Universidade do Minho.

da *domus* (norte, oeste e sul), todas elas rodeadas de pórticos, estando por esclarecer como seria a fachada nascente.

De modo semelhante ao que acontece com a *domus* anteriormente analisada, os elementos construtivos conhecidos reportam-se a três grandes fases de ocupação: a fase I, correspondente à *domus* alto-imperial; a fase II que define a *domus* do século IV/V e a fase III que caracteriza o processo de desarticulação da casa e a sua ocupação durante a Antiguidade Tardia.

2.2.1 Fase I: a *domus* alto-imperial

O primeiro projeto da *domus* remonta à época flávia, muito embora a área do quarteirão que a mesma ocupou ofereça inequívocos sinais de ocupação reportáveis ao século I, alguns dos quais associados a equipamentos construídos. Com efeito, de uma época datável do período de Augusto/Tibério poderá datar a implantação de silhares que terão marcado os limites do quarteirão, bem como os alinhamentos do cardo máximo, enquanto a construção da cloaca sob aquele eixo viário pode ser situada em meados do século I (Cláudio/Nero). A datação relativamente avançada desta estrutura parece validar os dados cronológicos disponíveis para o arranque da construção das *domus* de *Bracara Augusta*, a partir de finais do período júlio-cláudio, uma vez que o seu funcionamento implicava um sistema organizado de drenagem de águas sujas que a cloaca vinha possibilitar²¹.

Os muros que se reportam à *domus* alto imperial foram datados pelos materiais contidos nas valas de fundação e noutros enchimentos, designadamente de fossas abertas no saibro. Assim, a esta fase podem ser atribuídos os três muros perimetrais do edifício que foram identificados, os quais permitem restituir os presumíveis limites da *domus*, bem como as áreas porticadas adjacentes. Está igualmente documentada a existência de lojas abertas aos pórticos, distribuídas ao longo das fachadas, sendo de destacar as que se encontram dispostas no lado poente, viradas ao cardo máximo e na fachada sul. Com base nos muros e sapatas atribuíveis a esta fase e nas respetivas projeções, podemos considerar que estamos perante mais uma *domus* de peristilo (Fig. 6). A colunata do peristilo pode ser restituída a partir de embasamentos de suporte de coluna, sendo igualmente possível considerar, a partir da identificação de estruturas hidráulicas, que aquele espaço seria ornamentado com um tanque central²². De momento é apenas possível individualizar a entrada principal da casa, que se encontrava rasgada na fachada oeste e que era monumentalizada com um pequeno pórtico de duas colunas

²¹ MARTINS, M., *et al.* (2012). “Urbanismo e arquitectura de *Bracara...*”, *op. cit.*; TORRES, A. C. (2014). *Sequência de ocupação da Zona Arqueológica do Ex. Albergue...*, *op. cit.*

²² MAGALHÃES, F. (2010). *Arquitetura doméstica em Bracara...*, *op. cit.*, p. 72.

(área 1). Relacionado com esta entrada existia um pequeno *vestibulum*, com cerca de 9,80 m² (área 2), que dava acesso ao interior da habitação e que se encontraria centrado com o peristilo. A sul da entrada principal desenhava-se um estreito corredor que pode definir uma entrada secundária, ou um vão de escadas que faria a ligação a um eventual piso superior.

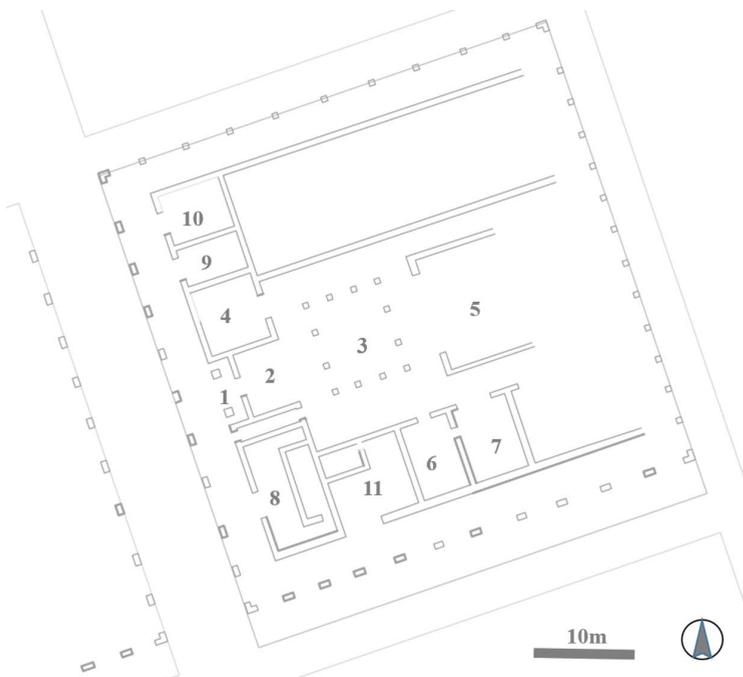


Fig. 6. Planta interpretada da fase I da *domus* do Ex Albergue Distrital (©UAUM)

Possuímos uma reduzida informação relativa aos espaços interiores da *domus*. No entanto, podemos admitir que a norte do *vestibulum* (área 2) poderia situar-se o *tablinum* (área 4) devido à sua localização próxima da entrada da casa. Por sua vez, julgamos admissível poder situar o *triclinium* a nascente do peristilo (área 5), localização que parece recorrente noutras *domus* de Braga²³. Contudo, desconhecemos quais as características deste importante espaço de representação das casas de elite, que Vitrúvio recomendava dever estar virado a poente. Os restantes espaços conhecidos situam-se a sul do peristilo e estão representados pelas áreas 6 e 7, que estavam interligados por uma porta, mas cuja funcionalidade desconhecemos.

²³ MARTINS, M. (1997-98). “A zona arqueológica das Carvalheiras...”, *op. cit.*; MAGALHÃES, F. (2010). *Arquitetura doméstica em Bracara...*, *op. cit.*

Melhor conhecidos são os espaços que se dispunham ao longo das fachadas da casa, particularmente a poente e sul, que eram usados como *tabernae*. Assim na fachada poente possuíamos três lojas (áreas 8, 9 e 10), sendo de destacar que no compartimento 8 foram identificados vários elementos, designadamente um fragmento de uma placa de mármore que poderia corresponder à banca de um *thermopolium* (Magalhães, 2010:73). Também na fachada sul foi reconhecida uma outra loja (área 11), que possuía um pequeno balcão no setor noroeste.

2.2.2 Fase II: a *domus* do século IV

Os dados facultados pelas escavações testemunham algumas remodelações da *domus*, datáveis entre os finais do século III e os inícios do IV, as quais afetaram a funcionalidade de alguns dos anteriores espaços (Fig. 7). No entanto, a casa manteve-se estruturada em torno do peristilo (área 3), que continuou a ser o grande elemento ordenador e distribuidor dos diferentes compartimentos. Cabe igualmente destacar a manutenção da principal entrada na casa, conservando-se igualmente a sua axialidade relativamente ao presumível *triclinium* que situamos na área 5, mas cujas características continuamos a ignorar. Também parece possível considerar que a posição do *tablinum* (área 4) não tenha sido alterada.



Fig. 7. Planta interpretada da fase II da *domus* do Ex Albergue Distrital (©UAUM)

Os vestígios arqueológicos reportáveis a esta fase documentam, contudo, que a casa sofreu um aumento de área construída, com a segura anexação do espaço correspondente ao pórtico norte e a cerca de metade do pórtico poente. Em resultado deste processo, as anteriores áreas públicas de circulação foram segmentadas em novos compartimentos, presumivelmente para instalar lojas, enquanto os anteriores espaços a elas reservados passaram a ser espaços privados da casa. Assim, desaparecem as lojas correspondentes às anteriores áreas 9 e 10, parecendo preservar-se a identificada como área 8, tal como acontece com a localizada na área 11. O processo de construção do pórtico norte terá dado origem a pelo menos dois novos compartimentos, presumivelmente novas lojas. O mesmo processo não parece ter-se registado no pórtico sul, ainda que a área escavada neste setor tenha sido consideravelmente menor.

Assim, tanto quanto é possível avaliar pelos dados disponíveis a reforma dos finais do século III/inícios do IV permitiu ampliar, não só o espaço privado da casa, como aumentar a área comercial que avançou claramente sobre os anteriores pórticos.

2.2.3 Fase III: a desarticulação da *domus*

Esta fase, situada entre os séculos V e VII, corresponde à ocupação da área da anterior *domus* com uma nova lógica. Globalmente podemos considerar que os diferentes compartimentos da *domus* deixam de ser usados com as suas tradicionais funções, sendo muitos deles fragmentados, verificando-se igualmente um processo de desarticulação da lógica de distribuição do espaço, através da construção de novos muros e da inutilização e arrasamento de outros, facto que permite formalizar novos compartimentos (Fig. 8).

Os novos muros que são erguidos nesta fase revelam uma má qualidade construtiva, não possuindo valas de fundação, assentando diretamente sobre os pavimentos anteriores. Alguns desses muros são bastante largos e fazem uso de pedra simplesmente partida, ainda que a reutilização de materiais resultantes do desmonte de muros anteriores esteja igualmente documentada, facto que justifica a ocorrência das primeiras valas de saque, datadas do século V. Muros e canalizações foram igualmente desmontados para reaproveitamento de pedra e material laterício para novas utilizações.

As novas estruturas revelam cronologias entre o século V, inícios do VI, como acontece com aquelas que encerram o peristilo, transformando-o num pátio interior, em torno o qual se organizariam várias unidades habitacionais independentes. Assim, muito provavelmente nos finais do século V já a utilização do espaço da *domus* seria outra, certamente mais segmentada e geradora de novos acessos e eixos de circulação, ainda difíceis de precisar. Igualmente complexa é a interpretação da possível funcionalidade

dos novos espaços que emergem nesta fase, em articulação com aqueles que foram conservados do edifício anterior.

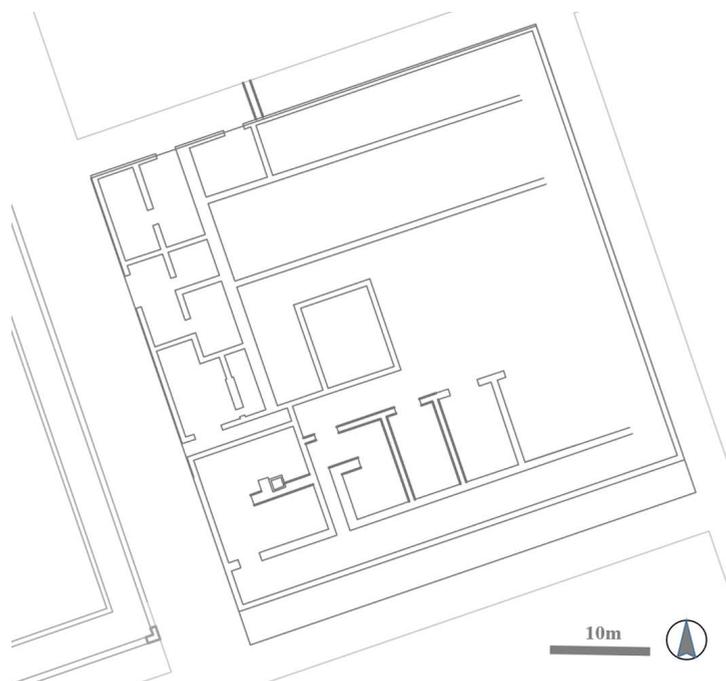


Fig. 8. Planta interpretada da fase III da *domus* do Ex Albergue Distrital (©UAUM)

3. CONTRIBUTO PARA O ESTUDO DA ARQUITETURA DOMÉSTICA DE BRACARA AUGUSTA

As abordagens de síntese que buscam identificar os aspetos diferenciadores, ou recorrentes, que podem ser encontrados na arquitetura doméstica de uma cidade como *Bracara Augusta*, que está em constante processo de escavação e de interpretação, apenas podem ser consideradas meramente provisórias, pois estão sujeitas a permanente revisão. Neste sentido, a análise que aqui se apresenta corresponde a um modesto exercício de valorização das características de duas *domus* recentemente estudadas que revelaram aspetos comuns e outros claramente distintivos que mereceram a nossa atenção. Com feito, apesar do carácter parcelar dos espaços conhecidos das casas é possível reconhecer em ambas o modelo de casa de peristilo, maioritariamente representado nas *domus* alto imperiais da cidade, o qual corresponde a uma organização

do espaço que vem sendo reconhecido como o mais característico das casas de elite nas províncias ocidentais do Império²⁴. No entanto, as características e localização dos peristilos no interior dos espaços domésticos, bem como a sua evolução ao longo dos tempos, revelam-se diferenciados, facto que confere às diferentes *domus* um carácter único, pese embora a utilização de uma linguagem arquitetónica comum.

Tendo por base os planos das duas *domus* de peristilo analisadas poderemos facilmente reconhecer algumas diferenças, não tanto associadas à estrutura ou dimensão dos peristilos, quanto à relação que este elemento ordenador do espaço tinha com outros compartimentos e com as entradas nas casas. Assim, o peristilo da *domus* do Ex Albergue Distrital parece apresentar uma ordenação axial com a entrada, facto que permitia uma relação visual direta entre o vestíbulo e a principal sala de representação que presumimos estar situada a poente. Já a interpretação da planta da *domus* das Cavalariças é mais problemática, pois as suas duas possíveis entradas podem apenas ser sugeridas pela planimetria do edifício, não estando arqueologicamente confirmadas. Assim, julgamos que a presumível localização de uma entrada na parte norte da habitação e de uma outra a nascente, que se articularia com o cardo máximo, colocaria a principal sala de representação da casa, situada a nascente, em posição descentrada em relação aos eixos de acesso ao interior. Admite-se, por isso, que a *domus* possuía uma estrutura centralizada, em que os diferentes espaços se distribuíam em torno do peristilo.

A privilegiada localização da entrada da *domus* do Ex Albergue Distrital, articulada com o cardo máximo, bem como o seu requinte, pois era enquadrada por um pequeno pórtico de duas colunas, atestam bem o alto estatuto dos seus proprietários, quer no Alto, quer no Baixo-Império, o qual deverá ter igualmente tido expressão no programa decorativo que ornamentaria os seus espaços de receção e representação que deveria fazer justiça à riqueza dos seus residentes.

Parece-nos igualmente relevante sublinhar o significativo número de *tabernae* identificadas na *domus* do Ex Albergue Distrital, que se encontram rasgadas nas fachadas poente e sul da casa, abrindo aos pórticos que foram arqueologicamente documentados e que possuem um paralelo direto na *domus* da Carvalheiras²⁵. Outro tanto não podemos afirmar relativamente à *domus* das Antigas Cavalariças, pois não

²⁴ GROS, P. (2006). *L'Architecture romaine. Du début du IIIe siècle av. J.-C. à la fin du Haut-Empire. Vol. 2: Maisons, palais, villas et tombeaux*. Paris: Picard, pp. 148-196.

²⁵ MARTINS, M. (1997-98). "A zona arqueológica das Carvalheiras...", *op. cit.*; MAGALHÃES, F. (2010). *Arquitetura doméstica em Bracara...*, *op. cit.*

foram escavadas as áreas que corresponderiam aos pórticos e espaços adjacentes, não tendo por isso sido possível identificar as suas fachadas e lojas associadas.

Ambas as *domus* sofreram remodelações entre finais do século III/inícios do IV, documentadas por novos muros e também novos espaços, que serviram para reordenar o interior das casas, situação que é comum noutras casas de *Bracara Augusta* no mesmo período²⁶. No entanto, nas áreas escavadas das duas *domus* estudadas não foi possível identificar uma das características dominantes das reformas desse período, que corresponde à introdução de balneários privados nas habitações, bem documentada na *domus* da Escola Velha da Sé, ou na *domus* de Santiago²⁷. De qualquer modo, parece bem evidente, sobretudo no caso da *domus* das Antigas Cavaleriças, que se operaram algumas reformas que traduzem um forte investimento do proprietário no capital simbólico da casa, que constitui uma outra característica das *domus* do século IV. Falamos naturalmente da reforma do jardim, situado a norte, que terá eventualmente deixado de ser um espaço aberto e funcional, com um poço, para se tornar num espaço de lazer, com um luxuoso pavimento e um ninfeu. Também a sofisticação do *triclinium*, localizado a nascente, então rematado por êxedras nos cantos, reflete bem o aumento dos sinais de luxo da habitação, aspeto que é dominante nas casas de elite bracarenses do Baixo-Império.

Admitimos que a sistemática remodelação das *domus* ocorrida num momento em que a cidade foi promovida a capital da *Gallaecia*, pode ser justificada pela permanência na cidade de uma elite ligada às novas exigências políticas, decorrentes da gestão que a cidade passou a exercer sobre um vasto território. Na verdade, enquanto capital provincial a cidade de *Bracara* deve ter-se tornado bem atrativa para todos os que procuravam competir pelos altos cargos administrativos do estado romano, que garantiam, em final de carreira, o acesso à privilegiada ordem senatorial. Esta circunstância poderá justificar o grande investimento que a aristocracia urbana parece ter realizado nas suas residências, traduzido nas características das remodelações conhecidas em praticamente todas as *domus* identificadas em Braga até ao momento.

Com efeito, estamos perante uma evidente monumentalização dos espaços domésticos, que se traduz, nalguns casos, na construção de termas privadas, mas que pode ser igualmente percecionada na generalizada renovação de estuques e pavimentos, bem documentada nas *domus* de Santiago e da Escola Velha da Sé²⁸. A renovação e

²⁶ MAGALHÃES, F. (2010). *Arquitetura doméstica em Bracara...*, *op. cit.*; MAGALHÃES, F. (2013). “Arquitetura doméstica em Bracara...”, *op. cit.*

²⁷ *Ibid.*

²⁸ MAGALHÃES, F. (2010). *Arquitetura doméstica em Bracara...*, *op. cit.*

sofisticação dos espaços das habitações poderia ainda contemplar o uso de materiais de construção mais nobres que a pedra local, como é o caso do mármore usado nos elementos arquitetónicos da *domus* de Santiago²⁹, bem como a construção de maiores e mais requintados espaços de receção e banquete, como acontece na *domus* das Antigas Cavalariças³⁰.

O forte investimento que se regista no luxo da arquitetura privada do século IV e que se expressa, tanto na introdução de banhos, como nos elaborados programas decorativos das *domus*, parece poder articular-se com uma nova ordem económica e social emergente, que tem que ser associada às novas funções políticas e administrativas da cidade. Na verdade, terá sido esse o quadro que justificou a promoção das antigas elites urbanas e a chegada de outras novas e sustentou a sua convivência. Assim, as sofisticadas casas de *Bracara* no século IV parecem ter passado a constituir os principais cenários de autorrepresentação das elites residentes que estariam envolvidas numa renhida competição pelas carreiras mais altas da administração do estado³¹. A riqueza das casas, tal como os banquetes que nelas se realizariam, certamente antecedidos por um quente e recatado banho realizado nos *balnea* privados representariam uma imprescindível forma de documentar a riqueza e as pretensões de ascensão social das elites da nova capital provincial.

Tendo por base os dados arqueológicos disponíveis é difícil assinalar com exatidão o *terminus* deste cenário, claramente marcado pelo protagonismo das elites residentes associadas à administração. Com efeito, a arqueologia documenta a continuidade da vida urbana e o dinamismo económico da cidade durante o século V, traduzido na persistência do comércio de longo curso e da atividade artesanal, apesar da mudança política que se operou com a instalação dos Suevos na região da *Gallaecia*³². Admitimos, por isso, que as *domus*, tal como as conhecemos no século IV, possam ter-se mantido ocupadas ainda no século V, tendo sido paulatinamente alteradas na sequência das transformações sociais que decorrem do novo quadro político e administrativo que se instala na Hispânia naquele século³³. Na verdade, o

²⁹ RIBEIRO, J. (2015). *Arquitectura Romana em Bracara Augusta. Uma análise das técnicas edilícias*. Porto: Edições Afrontamento.

³⁰ SILVA, J. & MARTINS, M. (2015). “Evolução e análise funcional de uma *domus* romana...”, *op. cit.*

³¹ BOWES, K. (2010). *Houses and Society in the Later Roman Empire*. London: Duckworth, pp. 95-99.

³² FONTES, L., MARTINS, M., RIBEIRO, M. C. & CARVALHO, H. (2010). “A cidade de Braga e o seu território nos séculos V-VII”. En Toletvum Visigodo (ed). *Actas del Congreso Espacios Urbanos en el Occidente Mediterráneo (s. VI-VIII)*. Toledo: Toletvum Visigodo, pp. 255-262.

³³ ARCE MARTÍNEZ, J. (2005). *Bárbaros y romanos en Hispania (400-507 A.D)*. Madrid: Marcial Pons Historia; FONTES, L. (2009). “O período suévico e visigótico e o papel da igreja na organização do território”. En Univerasidade do Minho (ed). *Minho. Traços de Identidade*. Braga: Universidade do Minho, pp. 272-295.

novo contexto era globalmente pouco favorável, quer ao enriquecimento das elites urbanas, quer à sua ascensão, pelo que os espaços domésticos deixaram de ser usados como cenários de competitividade social.

Os dados disponíveis relativos aos exemplares de *domus* analisados apontam para o reaproveitamento das áreas das anteriores habitações, ainda que segundo uma lógica funcional e social diferenciada. Os vestígios conhecidos demonstram a persistência das áreas construídas anteriores, em detrimento de novas construções, muito embora se ergam novos muros que compartimentam os espaços e revelam um reduzido investimento construtivo, quer em alicerces, quer em pavimentos, que terão passado a ser maioritariamente de terra batida. Estamos perante uma prática construtiva com soluções pragmáticas, verificando-se a reutilização de materiais de construção desmontados de estruturas anteriores e a inexistência de um claro modelo para construir/reconstruir o espaço residencial. Basicamente adaptam-se velhos compartimentos e constroem-se outros novos de modo funcional e orgânico. As novas unidades habitacionais, certamente de dimensões variáveis, que serviram novos modos de viver e habitar o espaço urbano, parecem ser mais compactas, sendo os seus espaços arquitetonicamente pouco diferenciados. Por outro lado, parece possível admitir que possam ter privilegiado o crescimento vertical, bem documentado na construção tardo antiga de outras cidades peninsulares.

Assim, o processo de desarticulação das *domus*, entre os séculos V-VII, parece associar-se a um novo quadro político, social e económico, decorrente da fixação dos Suevos na *Gallaecia* e ao fim do domínio romano na região. Este novo quadro, que se inicia nos inícios do século V, conduzirá ao desaparecimento de uma rica elite urbana de funções, assinalando o fim de um ambiente propício à emulação entre diferentes segmentos da aristocracia que usaram as suas casas para demonstrar o seu poder ao longo do século IV. No entanto, sabemos hoje que o desaparecimento das *domus* como residências de elite parece constituir um processo comum a outros contextos políticos e urbanos coevos, quer nos territórios hispânicos, quer nos mediterrânicos³⁴. Por isso, haverá que ensaiar uma compreensão mais global do fenómeno, que certamente terá múltiplas explicações conjunturais e regionais, como aquelas que podemos advogar para Braga na Antiguidade Tardia.

³⁴ MATEOS, P. & ALBA CALZADO, M. (2001). “De *Emerita Augusta* a *Marida*”. En Caballero, L. y Mateos, P. (eds). *Actas del Simposio Internacional Visigodos y Omeyas: Un debate entre la tardoantigüedad y la Alta Edad Media*. Madrid: CSIC, pp. 143-168; KULIKOWSKI, M. (2010). “The urban landscape in Hispania in the fifth century”. *Zona Arqueológica*, 11, pp. 311-318; PERICH I ROCA, A. (2014). *Arquitectura residencial urbana d'època tardoantiga a Hispania (segles IV- VIII d.C)*. Tese de doutoramento, Tarragona: Universitat Rovira i Virgili.

BIBLIOGRAFIA

- ARCE MARTÍNEZ, J. (2005). *Bárbaros y romanos en Hispania (400-507 A.D)*. Madrid: Marcial Pons Historia.
- BOWES, K. (2010). *Houses and Society in the Later Roman Empire*. London: Duckworth.
- DELGADO, M. & MARTINS, M. (1988). “Intervenção arqueológica na Zona P1 (Antigas Cavalariças do regimento de Infantaria de Braga)”. *Cadernos de Arqueologia*, Série II, 5, pp. 77-90.
- FONTES, L. (2009). “O período suévico e visigótico e o papel da igreja na organização do território”. En Universidade do Minho (ed). *Minho. Traços de Identidade*. Braga: Universidade do Minho, pp. 272-295.
- FONTES, L., MARTINS, M., RIBEIRO, M. C. & CARVALHO, H. (2010). “A cidade de Braga e o seu território nos séculos V-VII”. En Toletvum Visigodo (ed). *Actas del Congreso Espacios Urbanos en el Occidente Mediterráneo (s. VI-VIII)*. Toledo: Toletvum Visigodo, pp. 255-262.
- GROS, P. (2006). *L'Architecture romaine. Du début du IIIe siècle av. J.-C. à la fin du Haut-Empire. Vol. 2: Maisons, palais, villas et tombeaux*. Paris: Picard.
- KULIKOWSKI, M. (2010). “The urban landscape in Hispania in the fifth century”. *Zona Arqueológica*, 11, pp. 311-318.
- LEMONS, F.S. & LEITE, J. F. (2000). “Trabalhos Arqueológicos no Logradouro da Casa Grande de Santo António das Travessas (ex-Albergue Distrital)”. *Forum*, 27, pp. 15-38.
- MAGALHÃES, F. (2010). *Arquitetura doméstica em Bracara Augusta*. Tese de Mestrado, Braga: Universidade do Minho.
- MAGALHÃES, F. (2013). “Arquitetura doméstica em *Bracara Augusta*”. *Interconexões*, 1, pp. 13-30.
- MAGALHÃES, F., RIBEIRO, J. & MARTINS, M. (2015). “Entre o público e o privado. Cenários do quotidiano na *domus* das Carvalheiras”. *Dossiê: A cidade romana entre a História, a Arqueologia e a Literatura, Romanitas - Revista de Estudos Grecolatinos*, 6, pp. 88-106.
- MARTINS, M. (1997-98). “A zona arqueológica das Carvalheiras. Balanço das escavações e interpretação do conjunto”. *Cadernos de Arqueologia*, 14/15, pp. 23-45.
- MARTINS, M. (2015). “Entre o ócio e a sociabilidade. O papel das termas públicas na vida social de *Bracara Augusta*”. En DM (ed). *I Colóquio Luso Brasileiro 'Quotidiano e Sociabilidades no Império Romano'*. Vitória (Brasil): UFES/UMinho, pp. 13-30.
- MARTINS, M., MEIRELES, J. & RIBEIRO, M. C. (2011). “As termas públicas de *Bracara Augusta* e o abastecimento de água da cidade romana”. En *Atas do Seminário Internacional Aquae Sacrae. Agua e sacralidad en época antigua*. Girona: Universitat de Girona, pp. 69-102.

- MARTINS, M. & RIBEIRO, M. C. (2013). “Em torno da Rua Verde. A evolução urbana de Braga na longa duração”. En Ribeiro, M. C. y Melo, A. (coord.). *Evolução da Paisagem Urbana. Transformação morfológica dos Tecidos Históricos*. Braga: CITCEM/IEM, pp. 11-44.
- MARTINS, M., RIBEIRO, J., MAGALHÃES, F. & BRAGA, C. (2012). “Urbanismo e arquitectura de *Bracara Augusta*. Sociedade, economia e lazer”. En Ribeiro, M. C. y Melo, A. (coords). *Evolução da paisagem urbana: sociedade e economia*. Braga: CITCEM, Braga, pp. 29-67.
- MARTINS, M., MAGALHÃES, F., MARTÍNEZ PEÑÍN, R. & RIBEIRO, J. (2016). “The housing evolution of Braga between Late Antiquity and the Early Middle Ages”. *Arqueología Medieval. Hàbitats Medievals*, VIII, Lleida, pp. 33-51.
- MATEOS, P. & ALBA CALZADO, M. (2001). “De *Emerita Augusta* a Marida”. En Caballero, L. y Mateos, P. (eds). *Actas del Simposio Internacional Visigodos y Omeyas: Un debate entre la tardoantigüedad y la Alta Edad Media*. Madrid: CSIC, pp. 143-168.
- PAOLI, U. E. (2000). *Urbs. La vida en la Roma Antigua*. Barcelona: Editorial Iberia.
- PERICH I ROCA, A. (2014). *Arquitectura residencial urbana d'època tardoantiga a Hispania (segles IV- VIII d.C)*. Tese de doutoramento, Tarragona: Universitat Rovira i Virgili.
- RIBEIRO, J. (2015). *Arquitectura Romana em Bracara Augusta. Uma análise das técnicas edilícias*. Porto: Edições Afrontamento.
- RIBEIRO, J. & MARTINS, M. (2013). “Os processos construtivos da edilícia privada em *Bracara Augusta*: o caso da *domus* das Carvalheiras”. En Melo, A. y Ribeiro, M C. (coords). *História da Construção. Arquiteturas e técnicas Construtivas*. Braga: CITCEM, pp. 75-98.
- RIBEIRO, J., MAGALHÃES, F. & MARTINS, M. (2015). “Meios, técnicas e custos de construção em *Bracara Augusta* no século II. O balneário das Carvalheiras”. *Férvedes*, nº 8, pp. 331-339.
- SILVA, J. (2013). *A domus da Zona Arqueológica das Antigas Cavalariças de Braga. Contributo para o estudo da arquitetura doméstica em Bracara Augusta*. Relatório de estágio de Mestrado. Braga: Universidade do Minho.
- SILVA, J. & MARTINS, M. (2015). “Evolução e análise funcional de uma *domus* romana. A unidade habitacional da zona arqueológica das antigas Cavalariças de Braga”. En Martínez Peñín, R. & Cavero Domínguez, G. (eds.). *I Jornadas Internacionales Evolución de los espacios urbanos y sus territorios en el Noroeste de la Península Ibérica*. León: Universidad de León.
- TORRES, A. C. (2014). *Sequência de ocupação da Zona Arqueológica do Ex. Albergue Distrital. Contributo para a análise evolutiva e funcional de uma unidade doméstica em Bracara Augusta*. Relatório de estágio de Mestrado em Arqueologia. Braga: Universidade do Minho.

